

## O DESAFIO DOS PAIS QUANDO O DIAGNOSTICO É **autismo**

Rejane Soares Ferreira



*Receber o diagnóstico de transtorno do espectro autista (TEA) é um grande baque emocional para os pais, mas a angústia muitas vezes já estava sendo vivida antes desse anúncio.*

Observar um filho e, de repente, identificar que ele não interage com o ambiente como os outros o fazem já começa a apertar o coração.

Em um momento é percebido que ele pouco compartilha a atenção com o que os outros estão vendo ou fazendo, apresenta demora na fala de palavras ou frases, tem uma reação muito intensa frente a barulhos (fogos de artifícios, balões, música alta), evita o contato visual, inicia movimentos atípicos e repetitivos, tem interesse muito frequente somente em alguns estímulos, não gosta muito do toque físico ou até mesmo das roupas encostando em algumas partes do corpo... Enfim, vários sintomas (não necessariamente todos) já levam os pais a se questionarem: o que há de errado?

**A saga da investigação começa e, junto a ela, vários sentimentos, principalmente medo, culpa e angústia.**



O medo vem em forma de perguntas de difíceis respostas prontas: se o diagnóstico for confirmado, serei capaz de lidar com isso?

Até onde meu filho vai conseguir avançar no desenvolvimento?  
O que preciso fazer?

### **Por onde começar?**

Que universo novo é esse que preciso conhecer e me adaptar?

A pesada culpa chega a passos largos questionando se fizemos algo para merecer isso.

Eu, pai ou mãe, provoquei isso no meu filho amado?

Se tem traços genéticos, quem transmitiu? Eu tenho características de TEA também?

Foi evocado por aquele momento em que a irritação do cansaço de ser pai/mãe foi manifestada? A culpa chega a quase engolir a chance de acreditar que poderemos ser felizes.

### **A angústia se instala. O que vai ser do meu filho? E de mim, pai/mãe?**

Alguns pais, tamanho o desconforto emocional, chegam a negar os sintomas e mostram-se resistentes até mesmo à investigação diagnóstica. Será que isso não passa com o tempo? Mas eu acho que fui um pouco assim também e consegui me tornar uma pessoa boa, ou seja, não há nada de errado e, se tiver, com o tempo melhora, tudo passa.



Não raro, uma mãe relata que percebeu situações atípicas, mas o pai não validou essa percepção e ainda a criticou por estar sendo preocupada demais e hipervalorizando situações. Uma pesquisa realizada em São Paulo, com 240 participantes, sobre a trajetória de mães de crianças autistas marcadas pela dor do abandono, relata que essas mulheres precisam enfrentar também a rejeição e a sobrecarga emocional, necessitando de apoio tanto quanto seus filhos. Que dor tamanha!

Foi divulgado pelo Instituto Baresi (2012) que, no Brasil, 78% dos pais abandonaram as mães de crianças com deficiências e doenças raras, antes dos filhos completarem cinco anos de vida. Isso é assustador! E se isso acontece, é porque há uma dor emocional forte e muito mal conduzida. Precisamos falar mais sobre esse luto do filho idealizado e de todo esse olhar distorcido e catastrófico em relação ao TEA.

**A primeira orientação imediata e urgente é a seguinte:** está com dúvida se seu filho tem TEA, procure a investigação diagnóstica. Isso é fundamental! O quanto antes isso for realizado, mais rapidamente a intervenção será promovida, o que pode trazer benefícios ímpares para o desenvolvimento dessa criança!



**Segundo recado: busque informações!** Esse transtorno precisa ser compreendido, os sintomas precisam ser encarados de modo mais preciso e, a partir desse olhar, segue o que pode ser realizado com essa criança no seu dia a dia. Muitas vezes, é importante que todas as pessoas mais próximas sejam envolvidas nesse conhecimento. É muito bom poder evitar desgastes como comentários de parentes e amigos dizendo “isso é falta de postura firme por parte dos pais”.

Uma vez ouvi uma narrativa de uma mãe comentando que sua mãe (a avó) ama seu filho, mas ela tenta “corrigi-lo” através das suas vivências como mãe ou professora primária que já foi há anos atrás. A sensação de impotência dessa mãe gritava e sua mãe acabava não conseguindo ajudá-la, mas sim tumultuava ainda mais a situação. Trazer a avó para esse novo entendimento foi imprescindível!

**E, por ultimo, segue a ultima dica: curta seu(a) filho(a)!**

O amor cura as dores emocionais do luto das expectativas.

O amor leva o olhar a vibrar com cada conquista e conduz a aceitação das limitações. Essa jornada pode resultar em uma verdadeira revisão na pirâmide de valores na vida e promover uma elevação emocional difícil de narrar em palavras!

**Concluo esse texto fazendo um convite aos pais para que eles se permitam acolher suas demandas emocionais.**



Não fujam dessas dores, ao contrário, se aproximem delas, deem aos sentimentos a expressão necessária para que eles possam ser reelaborados. **Se julgarem que não conseguem fazer isso sozinhos, busquem ajuda profissional e/ou grupos de apoio.** Nada de jogar para debaixo do tapete as questões do coração! E, acreditem, seus filhos podem trazer belas transformações internas muito lindas de se viver!



Rejane Soares  
Ferreira  
Neuropsicóloga  
CRP.: 09/3919



Mais artigos da Autora

<https://escoladepais.org.br/?s=Rejane+Soares+Ferreira>



